

7 AGO 1961 DF - Unifap Governo de Brasília acaba com 270 barracos do Plano Piloto

Francisco Mendonça

BRASÍLIA — Não restou tábua sobre tábua. Os 270 barracos de compensado e restos de construção da invasão — nome dado às favelas que proliferam no Plano Piloto — da Quadra 110 Norte foram caindo um a um diante do olhar amedrontado das crianças e do choro das mulheres. Cerca de mil homens da Polícia Militar cercavam a área, armadas de cassêtetes, para garantir a segurança dos 330 funcionários das Secretarias de Viação e Obras e do Serviço Social, que trabalhavam com pés-de-cabra. Mas não houve reação por parte dos moradores. Na véspera, eles tinham estendido uma faixa em frente aos casebres com os dizeres: "Vamos viver sem violência".

O cerco policial começou de madrugada — às 5h30min, segundo o tenente Assunção, ou desde a meia-noite, afirmam os moradores. Mas para Francisco Damasceno, vendedor de cachorro-quente, só havia uma versão correta: ele chegou às 6h30min do trabalho e não conseguiu ultrapassar a linha de segurança para retirar seus pertences.

— Não querem deixar eu tirar nada — lamentava desconsolado.

A ação de despejo, na verdade, foi resultado de uma decisão do governador José Aparecido tomada há dois meses. Seu secretário de Serviço Social, Adolfo Lopes, encarregou-se desde então de visitar casebre por casebre para convencer os moradores a se mudarem para três locais a escolher: Brasília, Padre Bernardo ou Corumbá de Goiás, três vilas goianas. Muitas famílias se foram, mas cerca de

trezentas resistiram. A distância — Brasília, por exemplo, está a aproximadamente 70 quilômetros do Centro de Brasília — e os baixos salários significariam para eles o comprometimento da maior parte da renda familiar em transporte.

Anteontem, em dois jornais locais o governador José Aparecido pagou a publicação de uma carta sua ao Arcebispo do Distrito Federal, Dom José Freire Falcão. Salientando que seu governo praticou "um dia-a-dia de diálogo", Aparecido escreveu: "Saída de 21 anos como chefe de governos autoritários e, agora, hospedando a Assembléia Nacional Constituinte, Brasília precisa ser símbolo dos novos tempos que todos queremos mais justos, mais igualitários, mais democráticos".

Padre condena — Mas, segundo padre Virgílio Uchoa, da arquidiocese de Brasília, a solução encontrada pelo governador para a invasão da 110 não surgiu do diálogo e, muito menos, pode ser tomada como exemplo de ação democrática.

— Há mais de um mês, a Comissão de Justiça e Paz e o arcebispo procuraram o governador por duas vezes, no mínimo, e ele não os quis receber. Tentamos de todas as formas chegar a uma solução mais humana junto ao governo, porque as pessoas não podem ser jogadas de cá para lá. Foi um gesto autoritário — disse o padre.

O secretário de Serviço Social, Adolfo Lopes, contesta o padre, chamando as visitas que fez aos casebres de "Operação convencimento". Lopes disse que foi solapado por lideranças políticas movidas por interesses eleitorais.

— Esses líderes não apresentaram nenhuma proposta, só a idéia demagógica de deixar todo mundo permanecer na área — acusou o secretário.

O vice-presidente do Sindicato dos Arquitetos do Distrito Federal, Luís Alberto Gouveia, no entanto, tentou inutilmente ao lado de várias outras entidades, convencer o governador a optar por três outras alternativas para moradia dos invasores: o assentamento de Samambaia, a vila de Itamaracá e as áreas do projeto de expansão, destinadas pelo atual governo para as populações de baixa renda — todas no Distrito Federal. Mas, para Lopes, a "operação final" foi exemplar. Os despejados eram, segundo ele, levados para dois albergues ou para os centros de Desenvolvimento Social, do Bem-Estar do Menor e de Triagem e Recepção de Migrantes.

Já o secretário de Viação e Obras, Carlos Magalhães, preferia acusar deputados e entidades presentes de utilizar os moradores como "massa de manobra".

— Esses deputados é que são responsáveis por isso que está acontecendo — dizia, acrescentando que "a maioria desse pessoal (os despejados) tem para onde ir".

Um levantamento coordenado pela presidenta do Sindicato dos Assistentes Sociais, Maria Aparecida Fonseca, demonstrava que 156 famílias não tinham onde morar. Sobre um palanque improvisado — à base de papel, lixo e pedras —, Damião Feitosa, um servente de pedreiro, gritava:

— Fomos nós que construímos Brasília e hoje vivemos tontos, jogados de um lado para outro.